



URBANISMO

Autarquias 'sacrificam' espaço público

Há pressa em construir e algumas autarquias estão a promover habitação em áreas públicas e de lazer

AMADEU ARAÚJO

Bosques, jardins e parques estão a ser consumidos pela crise da habitação, para darem lugar a novas construções, em que a urgência em edificar acaba por sacrificar áreas verdes e faz desaparecer lugares de encontro e socialização.

O fenómeno é transversal a todo o país e há exemplos como o de Viseu, onde grande parte dos 45 hectares que integram a Quinta da Alagoa, que acolhe a Escola Superior Agrária, está a ser alvo de urbanização. Trata-se de solos rústicos, parte deles integrados na Reserva Ecológica Nacional, alguns já utilizados para arruamentos e estradas e outros ainda com autorização para uma urbanização de 32 lotes. Concluídas estas operações, "a Escola Superior Agrária ficará reduzida a quatro hectares, espartilhados por duas estradas", revela ao Expresso fonte oficial da instituição.

Fernando Ruas, presidente da Câmara de Viseu, que tem em curso a alteração do Plano Diretor Municipal, afiança que "nada do que são terrenos da Reserva Ecológica Nacional serão mexidos".

José Costa, presidente do Instituto Politécnico de Viseu, que integra a Escola Agrária, assume, por seu turno, que "ainda

é cedo para falar de eventuais problemas".

Perda de biodiversidade

Mas os problemas já estão a chegar, com a Escola Agrária impedida de acrescentar área de vinha e a redução de terrenos de pastoreio para os rebanhos da escola. A construção de prédios de habitação é bem visível e, lamentam os professores, "as aves já deixaram de vir nidificar à lagoa e a cidade perde uma riqueza de biodiversidade ímpar".

Investigadora diz que "estamos muito focados em construir, descuidando os espaços públicos e verdes"

Já em Aveiro, a Assembleia Municipal aprovou a compra dos terrenos da antiga lota, que permitiu que os 10 hectares de frente atlântica passassem para a autarquia a troco de €11 milhões. Na cidade surgiu um movimento em defesa destes solos, que lembra que "não há muitas cidades no mundo que disponham de um parque natural a dois passos do centro". E pretendem uma forma de "integrar estes terre-



Falta de casas sacrifica espaços verdes, como junto à Escola Agrária de Viseu FOTO D.R.

nos como um parque natural e urbano", defende José Carlos Mota, investigador de planeamento e políticas públicas na Universidade de Aveiro e um dos dinamizadores do movimento. O terreno, "com tamanho equivalente a cinco vezes a dimensão da cidade, podia transformar-se num designio comum, mas será urbanizado", lamenta.

O investigador reconhece que "há hoje menos espaços

de lazer, porque o solo passou a ter um elevado valor de troca devido à crise na habitação".

Em Loures, a destruição de um parque verde no Infante para a construção de uma creche agitou a população, que garante existem "outras alternativas que impediam destruir um dos poucos pulmões que o bairro tem".

Também em Vieira do Minho a destruição de uma parte do Parque dos Moinhos, alterando

a finalidade desta zona de lazer, fez soar vários protestos.

No Porto, a Campo Aberto e a Olho Vivo, duas associações ambientalistas, lançaram um alerta em defesa "do ordenamento do território, em que o espaço público acaba por sucumbir demasiadas vezes perante a instalação de estruturas pesadas".

Em Carcavelos, no concelho de Oeiras, é a construção na Quinta dos Ingleses que está a provocar muitas reclamações.

Ana Brandão, investigadora de cidades e territórios no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE), reconhece que "a necessidade de aumentar a oferta de habitação tem levado as cidades a perderem espaço público em detrimento de novas urbanizações".

Espaços verdes 'canibalizados'

"Há um imperativo, imobiliário e económico, para produzir mais habitação, em que o espaço público e as áreas verdes são canibalizados para construir mais casas", critica a investigadora do ISCTE, que adverte para "a necessidade de equilibrar a pressa em construir em favor de uma política integrada de bairros públicos". "Não basta construir, é preciso fazer cidade", opina Ana Brandão. Pelo que "estamos a viver a aceleração da construção, ignorando a ideia do 'habitat', muito focados em construir apenas habitação e a descuidar os espaços públicos e verdes", conclui.

Conselheiro em vários projetos de planeamento urbano, José Mota insiste que "é preciso abrir as cidades a outras formas de vida urbana", o que passa, obrigatoriamente, pela valorização dos espaços públicos.

economia@expresso.imprensa.pt

Autarquias
trocam
espaços verdes
por casas E20